

Corpo-território: o corpo como sujeito na Capoeira Abadá

Talita Gantus de Oliveira
Unicamp / [a_Ponte](#)
Daniele Alfonso Ramirez
Abadá Capoeira / Caleidoscópio Brasil

“Procuro saber se a capoeira é ciência, si é, profunda e vasta, si me fornece conhecimentos sobre o homens, espiritual, mais também o homem corporal, e o ensinamentos de ordem moral, ou intelectual...”

Seguindo os ensinamentos de Mestre Pastinha, procuramos, aqui, pensar se a Capoeira é filosofia, e, assim sendo, como ela se articula em sua relação dialética entre o corpo e o território na qual ele se realiza através dessa arte-dança-luta. A Capoeira é vista como um conhecimento que se dá para além dos treinos, mas a partir da vivência compartilhada, um dos pilares da cosmovisão africana, que é a coletividade organizada em torno da ancestralidade, além da senilidade que propõe a hierarquia guiada pelo conhecimento e reconhecimento aos mais velhos e o protagonismo de um saber registrado na dimensão da corporeidade. Faz sentido pensar, também, que a Capoeira, patrimônio imaterial, se dá na materialidade do corpo de quem a pratica - “arte-luta, performance que expressa a história de corpos violentados, apagados, excluídos historicamente”. Pensar a partir do corpo significa realizar, pela práxis, construções epistemológicas que nos fazem refletir dialeticamente sobre nosso corpo enquanto agente produtor do espaço e por ele produzido. Ou, nas palavras de Mestre Camisa, “eu vivo dentro da capoeira e a capoeira vive dentro de mim”. A filosofia da e pela capoeira se dá em uma dimensão de pesquisa corporificada que só pode falar a partir do espaço local, a partir das rodas vividas. O que seria esse corpo-território vivido na capoeira? A conjunção das palavras *corpo-território* diz que é impossível recortar e isolar o corpo individual do corpo coletivo, o corpo humano do território e da paisagem. O corpo se revela, assim, composição de afetos, recursos e possibilidades que não são individuais, mas se singularizam. Assim como a Capoeira não se faz só de um corpo, só de um indivíduo, mas a partir de um corpo coletivo, ao mesmo tempo, cada ginga é uma ginga visto que se inscreve sobre um corpo que carrega particularidades e, portanto, se expressa em si mesmo ainda que a partir de performances aprendidas coletivamente. Pensar epistemologias a partir de uma *filosofia capoeira* abre possibilidades para um campo crítico-teórico que permite escapar das armadilhas da própria linguagem. Como, por exemplo, falar sobre o corpo sem torná-lo objeto. O corpo objeto é um receptáculo onde tudo se inscreve, dos símbolos aos valores culturais. Nesse sentido, o corpo na Capoeira não é um corpo objeto, é um corpo sujeito que a realiza na medida em que a pratica. A capoeira na Abadá pode ser definida como uma “arte multidimensional” - dança, luta, jogo e música. Estes múltiplos aspectos desenvolvem na roda, por intermédio da performance corporal e rítmica, o movimento da grande roda do mundo. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que encena o mundo, a capoeira compreende um território regido por regras próprias e marcado por uma temporalidade nada linear. O corpo na capoeira Abadá, por sua vez, se inscreve como um corpo sujeito que, ao (re)atualizar práticas ancestrais que permanecem e vão se transformando e inseri novos elementos, a transforma em uma filosofia de seu tempo. Afinal, para a geografia, a territorialidade é sempre uma relação que “reflete a multidimensionalidade do ‘vivido’ territorial pelos membros de uma coletividade”. Assim, a roda de capoeira enquanto um evento cria e recria realidades que são resultados de ações e intenções. Portanto, a Abadá Capoeira é um espaço que reflete as relações humanas e construções sociais, culturais e políticas de seu tempo, sendo um meio da realização de uma tradição cultural que possui diversas intencionalidades, para além da própria ritualística. Somado a toda a cultura imaterial que os elementos presentes em uma roda de capoeira traz consigo, existe um importante [e potente] papel que os cânticos desempenham na transmissão da história oral, ocultada pela história curricular hegemônica. O corpo na Capoeira, portanto, é pensado como um *corpo-território* que produz epistemologias contra-hegemônicas e cria possibilidades para a construção de uma filosofia própria refletida a partir do próprio corpo no território vivido.